

Candidatos repetem-se nas críticas e promessas

Como em 94, campanha está polarizada entre tucano e petista, que não apresentam novidades nos discursos

MARCELO DE MORAES

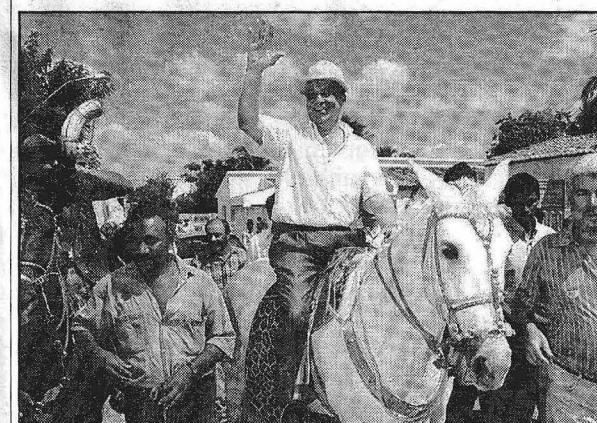
BRASÍLIA – Uma viagem na máquina do tempo mostraria que pouca coisa mudou na disputa pela Presidência da República em relação à última eleição. Como em 1994, a sucessão está polarizada entre o tucano Fernando Henrique Cardoso e o petista Luiz Inácio Lula da Silva. Mas praticamente não há novidades nas propostas e nos discursos ideológicos. A surpresa é que, mesmo depois de quatro anos, os dois candidatos ainda se repetem tanto nas críticas mútuas como nas promessas de campanha.

Em 1994, o candidato de oposição Lula já condenava as privatizações promovidas pelo governo e prometia revertê-las se vencesse nas urnas. Pedia criação de empregos e avisava que os investidores internacionais não precisavam se preocupar com a possível eleição de um governo petista. Em 2 de julho de 1994, Lula anunciava sua decisão de impedir um processo de privatização que estaria sendo embutido na Medida Provisória que estabeleceu as regras de funcionamento do Plano Real. “Se eleito, a partir de 3 de outubro mudo isso; não posso deixar a venda das estatais como está na MP”, avisava Lula.

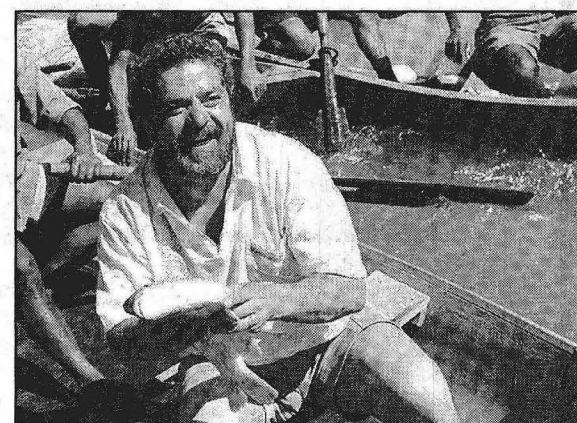
Há cerca de um mês, Lula e seu vice, Leonel Brizola (PDT), fizeram coro avisando que eram absolutamente contrários à privatização do Sistema Telebrás, prevista para ocorrer antes das eleições. Brizola disse que cancelaria o resultado dessa venda e, se pudesse, reveria também o leilão da Companhia Vale do Rio Doce, negociada em maio de 1997. “As idéias deles dois não mudaram, e isso mostra coerência”, defende o senador José Eduardo Dutra (PT-SE).

Em 1994, Lula fez uma viagem para a Alemanha para tentar tranquilizar investidores estrangeiros, preocupados com a mudança de rumo da economia brasileira se o PT conseguisse vencer as eleições. “Não tenho certeza se acabamos ou não com um possível medo do PT”, declarou na época.

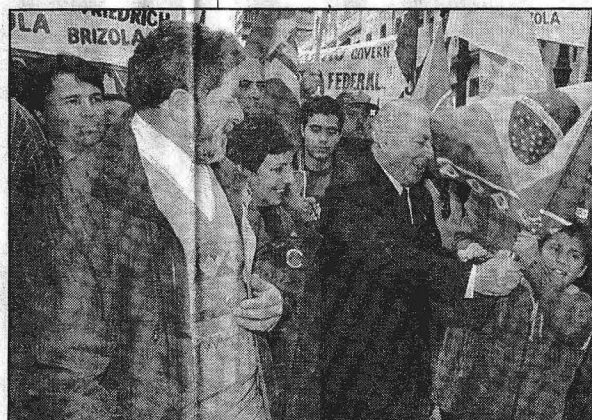
Este ano, a situação se repetiu, reforçada por declarações do presi-



Na campanha de 94: bandeira era o fim da inflação



Há quatro anos: condenação à venda de estatais



Hoje: ainda contra a privatização



Agora: festa para os 4 anos do Real

dente argentino Carlos Menem, preocupado com a possibilidade de a vitória de Lula vir a prejudicar o Mercosul. Integrantes do comando da campanha petista, como Marco Aurélio Garcia e Guido Mantega, por exemplo, saíram em campo, inclusive com entrevistas para jornais do exterior, para dizer que não havia risco e que Lula não era “bicho-papão”.

Mesma linha – A repetição não é exclusividade de Lula. Fernando Henrique também tem seguido a mesma linha da campanha de 1994. Quatro anos atrás, sua bandeira era a estabilidade econômica e o fim da inflação, iniciadas na sua gestão como ministro da Fazenda do governo Itamar Franco. Agora, o Real ainda é o seu principal cabo eleitoral, fortalecido pelo resultado de quatro anos com inflação sob controle. “Hoje, o Brasil tem rumo”, já dizia em 31 de março de 1994 – uma de suas frases favoritas e que repete até ho-

je em muitos discursos. Nessa data, Fernando Henrique apresentou como sua última realização ao Ministério a família das notas da nova moeda, o real. Agora, no quarto aniversário do plano, apresentou a nova família de moedas, o que provocou críticas dos seus adversários que consideraram o ato um movimento com fins eleitorais.

Ontem – “Teria de ter outro plano, que deixasse a inflação baixa, mas garantisse o crescimento, empregos e a distribuição de renda”

Lula, sobre o Real (Estado, 2/7/94)

Hoje – “A estabilidade da moeda pode ser conseguida sem desemprego e insegurança social”

Programa de governo da chapa Lula-Brizola (7/7/98)

Ontem – “Quem investe com boas intenções sabe que não há razão para ter medo”

Lula, sobre o medo que uma vitória do PT poderia provocar nos investidores estrangeiros (Estado, 25/06/94)

Hoje – “Vamos empreender um processo de transição responsável e negociado”

Marco Aurélio Garcia (El Clarín, 16/6/98)

Ontem – “Lula vai fazer o que já fizeram outros que têm essa tendência de salvadores da pátria: vai fugir do debate”

FHC (Estado, 15/05/94)

Hoje – “A coordenação e o conselho político da campanha decidiram que o presidente só participará de debates se houver 2.º turno”

Euclides Scalco (Estado, 09/07/98)

Ontem – “Nós tentamos (coligar) com o PMDB, mas ninguém sabe quem será seu candidato”

FHC (Estado, 19/03/94)

Hoje – “Essa questão é do PMDB; eu não estava empenhado porque há muita divisão, não quero aumentar suas dificuldades”

FHC (Estado, 28/06/98)



**ALGUMAS
PROPOSTAS
VIRAM
PIADAS**

mo que tomou conta do País. No jornal *Movimento e Ação*, do Movimento Popular Independente Fernando Henrique, o texto explora a vitória e faz até uma previsão na sua manchete que agora adquire ares de adivinhação: “Itamar, péqueno do tetra; Agora é o penta com Fernando Henrique.” Como

Itamar, que recebeu os jogadores campeões, Fernando Henrique já marcou para terça-feira a recepção para a seleção brasileira, independentemente do resultado da partida final contra a França.

Estrategicamente, alguns petistas admitem que a série de repetições de fatos da campanha passada pode favorecer Fernando Henrique. “Talvez fosse necessário mudar alguma coisa, criar algum fato novo”, analisa o deputado federal Paulo Bernardo (PT-PR). “Mas Lula está com seu discurso afiado e tem de explorar bem o espaço do programa eleitoral no rádio e na televisão”, completa.

As semelhanças continuam até nos fatos inusitados. Na semana passada, o governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque, surpreendeu a cúpula petista ao sugerir que Lula mantivesse no seu governo por 100 dias a equipe econômica. Assim, a estabilidade econômica seria mantida enquanto o novo governo daria prioridade para a agenda social. Em 1994, o presidente fez uma proposta parecida. Sugeriu que Lula poderia se tornar ministro do Trabalho do seu governo. As propostas foram consideradas piadas pelo comando das duas campanhas em ambas as ocasiões.